

# CORREIO DO VOLTA

Semanario  
independente, noticioso e litterario  
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annuciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO  
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.  
Rua de Sá Noronha, 51  
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:  
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
NA  
RUA DE S. MIGUEL N.º 36  
PORTO

Não se devolvem originacs nem se acceta collaboração que não seja sollicitada.

## A NOSSA ORIENTAÇÃO

Para quem estêja habituado aos processos da imprensa partidaria, a nossa attitude perante o adiamento das côrtes pôde ser interpretada de dois modos: ou como espirito de partidario que obriga a condemnar systematicamente tudo que provem de seita contraria—ou como expressão da maneira de pensar e de sentir de quem, libertado da influencia de homens e de partidos, pretende dizer desassombradamente a verdade como a entende.

A ser interpretada como espirito de partidario, o nosso jornal deixaria de ter o carácter de independente, para passar a ser um orgão do partido republicano, visto que as nossas palavras são a condemnação d'um acto dos politicos monarchicos e ainda ha quem confunda a fórmula de governo com os governantes.

Para quem tenha esta falsa noção, nós não condemnamos apenas o procedimento dos homens que servem a monarchia; dêmos tambem a nossa enxadada na cova que monarchicos e republicanos vão abrindo ás Instituições. Enfileiramos no partido republicano e começamos a fazer o que este partido faz: a combater o regimen, empregando os mesmos processos de que usam os que o servem e aproveitando-nos das suas fraquezas e dos seus erros.

A ser assim, não mais cairia da nossa penna uma palavra de applauso para os homens da monarchia—ou da républica, se se desse o caso contrario—, embora tivéssemos de lançar mão da hypocrisia e da mentira, apenas para servir um chefe cujo falso prestigio cresce á custa dos que se tornaram seus instrumentos—ou os interesses d'um partido que, podendo dar-nos, um dia, uma certa recompensa material, principia-ria por tirar-nos, com o voto de obediencia, um dos maiores prazeres espirituaes: o direito de proclamar a verdade como a razão e a consciencia livres no-la indicam.

E aqui está o motivo por que este jornal é independente. Independente, mas não—impolitico. Quer dizer: aprecia e discute os actos politicos que interessam á vida nacional, mas não o faz, para servir este ou aquelle partido. Fazendo-o,

pretende apenas—até onde nos leva a consciencia de que queremos ser uteis!—servir a nação.

E, dentro d'estes limites, nós discutimos o acto politico do adiamento das côrtes.

Condemnamos-lo—e esta condemnação exprime a verdade como a podemos vêr.

Dissemos que elle representa, sob o ponto de vista juridico, uma infracção da lei fundamental, porque, se ao poder moderador é concedida a pregorativa de adiar as côrtes, ninguem será capaz de dizer que elle o pode fazer, caprichosamente, arbitrariamente,—nem tão pouco por capricho ou abitrio do Conselho de Estado que é obrigado a consultar, mas não é obrigado a attender.

Para o Rei fazer uso da pregorativa que a lei lhe concede, é preciso que motivos de interesse nacional o aconselhem a seguir tal caminho.

Onde estão esses motivos?

Emquanto os não virmos, só diremos a verdade, como a entendemos, mesmo sob o ponto de vista stricto do nosso direito positivo constitucional, condemnando o governo por exigir o adiamento, o Conselho de Estado por o aconselhar, o Rei por o conceder e o Parlamento por o aceitar servilmente, dando-se por muito bem despedido.

Mas nós não encarámos o adiamento das côrtes apenas sob o aspecto rigido da lei.

Encarámos-lo sob um ponto de vista mais amplo—pelo lado moral e social ou propriamente sob o ponto de vista dos interesses nacionaes.

E, sob este aspecto, affirmamos que as suas consequencias só pôdem ser más para as Instituições e para o Paiz.

Dissemos-lo, fundando-nos em factos recentes da nossa vida politica. Analysando, a traços largos, a ultima dictadura, notámos que ella principiou por um acto identico ao que agora condemnamos, e tivemos de reconhecer que só foi prejudicial para a vida da nação.

Poderíamos, portanto, dizer a verdade, applaudindo o adiamento das côrtes?

Não.

Mas será isto bastante para nos convencermos definitivamente de que o remedio para todos os males nacionaes está na mão dos republicanos—e, portanto, que o nosso dever, para bem servir a nação, consiste em combater a monarchia?

Tambem não.

Mas este artigo já vae longo—e não nos faltará oportunidade para dizer por que, não sendo partidarios dentro da monarchia, tambem não o podemos ser a dentro do partido republicano.

## NOTAS LIGEIRAS

### CRISE MORAL

O «Diario Popular», talvez pela penna do snr. Julio de Vilhena, fazia, ha dias, o retrato do snr. Campos Henriques nestas palavras:

«O snr. Campos Henriques está dando a prova authentica da sua absoluta incapacidade mental e mostrando a evidencia que só por um d'esses acasos da sorte, que muitas vezes favorecem os mediocres, é que foi elevado, num momento de infortunio para a nação, ás alturas da presidencia do conselho.»

Ha poucos mezes ainda o actual presidente do conselho era proclamado no mesmo jornal como um estadista eminente

Querem prova mais evidente da falta de sinceridade por parte de quem orienta a sociedade portugueza?

Razão têm os que não se cansam de dizer que a nossa crise é principalmente moral.

### ALLIANÇA

Falla-se numa alliança entre o governo e o partido franquista.

Poderá isto acreditar-se?

No nosso paiz, quando se trata de politica, deve acreditar-se tudo, por mais extraordinario que pareça.

Será mais um symptoma da crise moral a que acima alludimos.

Homens do actual ministerio, quando João Franco era poder, não se occultavam para dizer que a um governo honesto se impunha o dever de metter os ex-dictadores na cadeia. Agora... pretendem o seu auxilio.

Isto pôde acreditar-se?

No nosso paiz, quando se trata de politica, tudo é acreditavel.

### BEM O DIZEMOS NÓS

Mal tínhamos acabado de escrever o nosso editorial d'hoje, recebemos d'um assignante que, a avaliar pela sua posição, deve ser illustrado, o seguinte postal:

«Porque não concordo com a politica do seu jornal, peço que me risqué de assignante e sollicito que me mande um recibo para pagar, passado por 6 mezes.»

Aqui está um dos taes «habitados aos processos da imprensa partidaria».

No seu postal, apesar de laconico, dá bem a entender que tem partido: progressista, regenerador, franquista, dessidente, nacionalista, republicano?

Não o sabemos—mas é lamentavel que leve a sua intolerancia a ponto de não querer que lhe entre em casa um jornal independente.

Que tenha paciencia, mas ha-de recebê-lo mais uma vez—e não lhe

fazemos favor nenhum, porque elle está prompto a pagar-nos uma assignatura por 6 mezes.

Até nos paga... para não lh'o mandarmos. Que intolerancia e que generosidade...! Duas coisas, afinal, que não fazem sentido.

Se não tiver medo de lhe pegar e de o abrir—que se dê ao incommodo de lêr o nosso primeiro artigo.

Para os que, como elle, tenham interpretado a nossa attitude como manifestação de partidario, é que nós o escrevemos.

## DR. PEREIRA DE CARVALHO

Como noutro logar noticiamos, falleceu repentinamente em Lisboa este illustre medico que pelas suas qualidades de espirito e de caracter honrou o seu paiz.

Não desceu á sepultura sem que alguém lhe fizesse justiça e lhe prestasse merecida homenagem de saudade.

Foi o sr. dr. Antonio Emilio d'Almeida Azevedo, um alto espirito e um dos membros mais respeitadas da nossa magistratura judicial.

A' sua amabilidade, por que nos confessamos muito reconhecido, devemos o ensejo de poder publicar o discurso que proferiu á beira da sepultura do saudoso extincto.

Não descera á sepultura o corpo do nosso pobre amigo sem que uma voz affectuosa lhe diga o ultimo adeus!

Tendo terminado os seus estudos quando eu principiava os meus, mal nos encontrámos nessa epoca de mocidade, que vae fugindo para longe, mas servimos juntos no ultramar e, comquanto não estivessemos nunca na mesma provincia, eu tinha frequentes noticias do que, tão longe da patria, considerava meu patricio, e era com viva satisfação que ouvia todos os que o conheciam attestar a sua proficiencia e a nobreza da sua conducta!

Naquelle meio tão proprio para apurar caracteres, elle teve occasião de mostrar o que valem os homens da nossa terra.

Fizeram epoca no ultramar as luctas que o dr. Carvalho sustentou para defender os seus direitos. Victima de uma grave injustiça, tinha sido preterido no provimento do lugar de chefe de Serviço de Saude de Moçambique, e querendo o governo que elle exercesse interinamente esse mesmo lugar, o dr. Carvalho, que era militar, e sabia tão bem como ninguem os deveres que lhe impunha a sua farda, mas que punha acima de tudo o culto da lei e do direito, a eujas regras estão igualmente sujeitos os que governam e os governados, recusou-se terminantemente a obedecer.

Principiaram então as provações, por que passou, e que sof-

freu com nunca desmentida coragem.

Não o atemorizaram ameaças, nem o seduziram promessas.

Transferido por isso para um dos lugares mais insalubres e perigosos do nosso ultramar, a Guiné, lá esteve longos mezes e lá o encontrei na minha passagem para S. Thomé, em 1883.

Lembro-me, como se fôsse hoje, da alegria com que nos saudámos, e do interesse que lhe inspirava aquelle paiz riquissimo, em que a terra de aluvião, profundissima, sob um sol tropical, e em uma atmosphera de constante humidade, apresenta prodigios de vegetação.

Só depois de um longo exilio nessa clima inhospito conseguiu alcançar a reparação da injustiça que lhe tinha sido feita, sendo então definitivamente provido no lugar de chefe do Serviço de Saude de Mocambique.

Com esta satisfação se contentou, regressando ao reino pouco depois na modesta situação de reforma, a que tinha direito.

Veio exercer a medicina para Torres Vedras, e ahí observou os trabalhos de replantação da vinha, que então principiava a fazer-se naquella região, devastada pela phyloxera.

Preparado naquella escola, voltou definitivamente para a sua terra, estabeleceu-se em Aveiro, e entregou-se á sua missão—a propaganda da replantação da vinha, e dos novos processos de agricultura, especialmente emquanto a adubos e correctivos.

Substituindo na presidencia da Direcção do Syndicato Agricola o dr. Edmundo Machado, esse nobre e leal caracter, cujas saudades se não apagarão jamais na memoria dos seus amigos, o dr. Carvalho continuou a obra encetada com tão bons auspicios, e pelo exemplo, e pelo conselho, foi espalhando no meio de nós o gosto pelos novos vinhedos e pelo novos processos de cultura.

Quando a roda de Aveiro encontrarmos vinhas bem plantadas, parreiras bem dispostas, pomares bem ordenados, podemos estar certos de que, directa, ou indirectamente, houve ali influencia do dr. Carvalho.

São estes os monumentos levantados á sua memoria e talvez valham mais do que algumas lapides e algumas estatuas!

A morte é sempre triste; mas se quem morre tinha lugar nos nossos corações, a nossa vida sente-se diminuida; vae com o morto um pedaço da nossa alma!

Para os que soffrem assim, pareceria uma offensa procurar alivio ás suas dôres.

Que as nossas lagrimas corram livremente!

Mas é um dever, e dá satisfação cumpri-lo, proclamar, nesta hora e neste lugar, em que a verdade se impõe, que o dr. Manuel Rodrigues Pereira de Carvalho, nos 60 annos da sua curta vida, honrou a terra, onde nasceu, e que sobre todas amou, e honrou o seu paiz!

Paz á sua alma.

## GAZETILHA

O' meu São Sebastião,  
Meu São Sebastiãozinho,  
Temos hoje Eixo em funcção  
Em louvor vosso, Santinho.  
Que da fome, peste e guerra,  
Pela vossa intercessão,  
Livres deus tão linda terra.

Visitado hoje sercis,  
A' maneira dos mais annos,  
Por Ritas, Zéfas, Maneis,  
Chicos, Zés e outros fulanos  
Que vão pagar a visita  
Que em procissão lhes fazeis  
Num andor todo catita.

Venha o Zé P'reira chibante  
Que se ouve por legua e meia  
Dar uma nota galante  
A' festa da nossa aldeia!  
Salte um pifre de prumeira  
E ficará delirante  
A gente da terra inteira!

Entregai, rapaziada,  
Um vintemito d'esmola,  
Se quereis uma pancada  
Levar co'o Santo, na tóla!  
Dai porém uma de seis,  
E, além d'esta lambada,  
Um foguete abichareis.

Cachopas, toca a cantar,  
Rua abaixo com ardor;  
Ide ao Santinho rezar  
E pedi-lhe com fervor  
Nessas vossas orações  
Que não vos deixe ficar,  
Tal como elle, sem... calções.

El-Vidalonga.

## De passagem

O caso que o nosso correspondente d'Azurva hoje conta é vulgarissimo, mas prendeu-nos a attenção.

Vêmos nelle um aspecto da miseria humana e uma manifestação do desleixo do Estado.

A actual organização das sociedades dá lugar a que muita gente, não podendo trabalhar, comece a pedir — ou a roubar.

Mas isto dá lugar também a que muitos, que pôdem trabalhar, prefiram pedir.

Não é fácil, á primeira vista, distinguir, entre os que pedem, os que o fazem — por não poderem fazer outra coisa, e os que o fazem por outra coisa não quererem fazer.

E, depois, devendo todos, que podem, considerar como um dever social concorrer para attenuar a desgraça alheia, nem todos julgam também um dever inquirir se quem pede a esmola precisa ou não d'ella.

## Lourenço, Plagio e suas familias

Lourenço e Plagio, de rancho com suas familias, todos de preto, vão pelas ruas fóra, conversando. Gente singela que não tem passado a vida a crear illusões e a perdê-las. O rancho é curto, nem admittem nelle senão quem conheçam bem e quem estimem: não usam, por ser gente ordinaria, abrir os segredos, a casa, e os braços, ao primeiro que lhes appareça.

Vae com elles para toda a parte o contentamento: a festa não é aqui ou ali, é onde elles estiverem; ao contrario do bom tom, que se enfastia logo em não estando nas salas d'este, no baile d'aquelle, elegancia mais avarenta do que o céu e a natureza, que não escolhem flôr escondida nem cantinho especial para lhes dar a alegria e a luz.

— Não te roces pelas esquinas! diz Lourenço a um filho, que a mu-

E, assim, quantos homens validos, cobrindo-se de andrajos e fingindo-se muitas vezes cegos, aleijados, não passam a vida de terra em terra, estendendo a mão á caridade — e creando todos os maus habitos que a ociosidade e a miseria impdem!

Quantos crimes se registam — e dos mais repugnantes, como o estupro de menores (de oito e menos annos — devidos áquelles a quem as almas generosas das nossas aldeias matam a fome e sustentam os vicios!

Nós queriamos que o Estado exercesse a sua funcção social, intervindo no sentido de conseguir que só recorresse á caridade quem não pôde trabalhar.

Mas, se nas principaes cidades, onde a beneficencia publica está organizada de modo quasi a evitar que a miseria se mostre nas ruas, a cada passo se nos estendem mãos a implorar esmola, o que havemos de esperar nas aldeias onde a assistencia publica organizada é coisa absolutamente desconhecida?

— Quem precisa tem de sair á rua, a exhibir a sua miseria. Tem de exercer a profissão de pedir.

Contrariou-nos sempre isto. Queriamos que em cada localidade houvesse organizada a assistencia publica para os que realmente precisam. Queriamos que acabasse a profissão de pedir — a que tantos se agarram, quando, por temperamento ou educação, acham o trabalho uma coisa muito pesada.

A esta ideia obedece a subscrição que abrimos neste jornal. Ella não é, como talvez alguém julgue, para ir distribuindo esmolas, á medida que fórmos angariando os donativos. Não; isso já seria util, mas pecava por ser ephemero. Nós pretendemos que a nossa obra, embora modesta, seja duradoura. E, assim, o producto da subscrição será destinado a constituir um fundo de assistencia publica.

Oxalá possamos ter a felicidade de vêr realisada esta obra a que a razão e o sentimento nos mandam dedicar.

lher leva pela mão. E' forte balda!

— Que tal vae elle na doutrina? pergunta-lhe Plagio.

— Vae, que é um gosto. Se, em vez de ser quem é, tivesse nascido com grandeza, dava que fallar; mas filho de pobre nunca maravilha.

— Por isso os principes são coroneis de nascença, e os pequerruchos do imperador da China, mercê do parentesco que tem com os corpos celestes — porque deves saber que são filhos do sol e primos da lua — apanham o privilegio de envelhecer mais depressa que nós, e aos doze annos estão emancipados.

— Já é serem reinadios! (para o pequeno:) Não vás a roçar-te pela parede, rapaz! Olhem que mania! (para Plagio:) E' preciso comprar-lhe ahí uma cousa; não sei o que ha-de ser!

— Os livros novos n'esta occasião tem muita sabida (para o pequeno) Quer um livrinho, menino?

O pequeno, franzindo o sobrolho e olhando para os confeiteiros:

## REFORMA JUDICIARIA

E' este o titulo do ultimo trabalho do snr. dr. Antonio Emilio d'Almeida Azevedo, meritissimo juiz em Anadia e notavel jurisconsulto.

Ainda não tivemos tempo para lêr com cuidado o exemplar que gentilmente nos offereceu, mas não resistimos á curiosidade de o folhear e logo algumas paginas nos prenderam a attenção, porque nellas encontrámos confirmadas as ligeiras considerações do nosso *De passagem*, do ultimo numero.

Vamos transcrevê-las, e assim prestaremos a nossa homenagem de admiração pelo autor da *Reforma judiciaria* que vamos lêr cuidadosamente, na convicção de que a sua leitura ha-de ser-nos proveitosa.

«Por minha parte applaudo com enthusiasmo a ideia dos equivalentes das penas «*sostitutivi penali*», luctando contra o alcoolismo e contra a miseria, pugnando pela bõa politica, pela honrada administração dos dinheiros publicos e por muitas outras teformas que directa ou indirectamente actuam sobre a criminalidade.

Uma das mais importantes seria a municipalisação das tabernas.

Actualmente, essas lojas infectas são os logares mais accessiveis aos operarios para se encontrarem com os seus companheiros, conversarem e distrahir-se.

E' sabido como ahí lhes ministram venenos com o nome de bebidas alcoolicas, e como sob a acção d'esses venenos fermentam desordens que terminam muitas vezes em crimes graves.

Um grande numero de crimes nasce nas tabernas.

Fazer d'esses estabelecimentos pequenos centros de recreio, adequados ás circumstancias dos seus frequentadores, e fornecer-lhes ahí vinhos puros e bebidas saudaveis, seria uma obra municipal de grande alcance, de alta hygiene physica e moral.

A protecção dos menores é outro problema urgentissimo.

Todos os dias são levados aos tribunaes criminosos de menor idade, abandonados, sem familia ou de paes degenerados, cujos crimes se provam, mas que os juizes não devem mandar para as cadeias.

As actuaes casas de correcção não chegam.

E' preciso que os juizes possam enviar estes delinquentes para aquelles estabelecimentos com a mesma facilidade, com que pôdem envia-los para a cadeia, mas por tempo indeterminado, até que se

— Não!

— Eu tambem não é das coisas com que sou mais tentado! diz Lourenço. Excepto quando tem estampas. Para mim o gosto da leitura depende da letra em que sahe a obra, e ainda mais da bonegrage. Com tanto, já se vê que a escripta preste, porque só ao que é interessante convém boa exterioridade! O luxo não fica bem senão no util. Vê tu aquellas folhinhas de porta do Lallemant; chega uma pessoa a ter vontade de se regular por ellas ainda que sejam de outro anno! Eu sou partidario do luxo, em tudo; dá de comer a muita gente, e faz gosto pela vista até aos que o não podem comprar!

Olhem estas lojas! Quem não quer gastar, não gasta; mas já leva para casa o recreio de ter visto.

Demoram-se a contemplar o mostrador.

O pequeno, indicando uma caixa: O' pae, eu quero uma assim!

— Estás maluco, rapaz. Mais valia fazer-te deputado. Uma caixa d'estas custa os olhos da cara. De-

robustecem, aprendam uma profissão, e adquiram habitos de trabalho.

Salvar-se-hiam assim muitas creanças predestinadas agora para o alcoolismo, para o crime e para a tuberculose.

## Para sermos uteis

Publicando a seguinte carta, do nosso «leitor constante», damos mais uma prova de que este jornal pretende ser util, sendo sempre da melhor vontade que presta o seu modesto auxilio a quem se lhe dirige, com boa intenção.

Sr. director do «Correio do Vouga»: Disse-s, por aqui, ha tempos, que a ser creada uma estação telegrapho-postal nesta freguezia.

Achei felicidade de mais, porque já me habituei á ideia de que S. João de Loure figura no mappa da nação portugueza, apenas para contribuir para os cofres do Estado.

Mas, devo dizer-lhe, sr. director, que, apesar de toda a minha incredulidade, o boato não deixou de alvoroçar-me.

Tentei até acredita-lo, para antes-gosar um melhoramento que eu muito desejaria ver realisado na minha terra. Não o consegui, porém, porque sei, infelizmente, que as terras pequenas nada têm a esperar da acção do Estado. Concorrem, é certo, para as despesas com os serviços publicos, mas d'estes não usufruem a minima vantagem.

Assim, conservam-se estacionarias durante annos, e só dão um passo, embora arrastado, no caminho do progresso, quando as empurra a iniciativa particular.

Ah! a iniciativa particular... E' coisa que não existe na minha terra. E os meus conterraneos já tiveram tempo de convencer-se de que esperar que o Estado se interesse por ella o mesmo é que estar á espera de sapatos de defuncto.

Correu o boato da criação da estação telegrapho-postal. Pensou alguém em torna-lo uma realidade?

Mas — sejâmos rasoaveis — uma estação telegrapho-postal para a minha terra seria, talvez, luxo de mais. Pois como se comprehende uma tal manifestação de progresso numa terra onde o atrazo é tanto que até no aspecto selvagem das habitações se revela?

Porque a verdade é esta, embora custe dizer-la: em S. João não se caíam, em geral, as casas. Não se faz essa coisa elementarissima que a hygiene e a esthetica recommendam.

Quem entrar em S. João não pôde deixar de sentir uma impressão de tristeza, de aborrecimento. Falta-lhe o ar alegre das casas caçadas que, como disse o poeta, fazem lembrar lenços brancos, a acenar de longe.

Falta-nos, afinal, muita coisa, sr. director e meus descuidados conterraneos. E é tempo de começarmos.

Não quero já que todos amanhã se reunam e vão reclamar do Estado uma estação telegrapho-postal, como recompensa dos sacrificios que todos os annos nos custam as contribuições que elle nos exige, mas, com todos os demonios, comecemos por dar um ar alegre, de vida e saúde, á nossa terra: caem se as casas.

Isto que parece um detalhe insignificante — que será até para muita gente motivo de riso — é, afinal, nada mais na da menos do que um principio de — civilisação. E' assim que se começará a tornar a nossa terra digna de maiores melhoramentos.

Comecemos, pois, e talvez, um dia, se torne uma realidade o boato da estação telegrapho-postal que já é indício d'um estado adiantado de civilisação.

moremo-nos a vêr, que já não é pouco, enquanto não deitam alguma decima por a gente olhar para o que vae!

— Achas-lhe novidade? pergunta a mulher de Plagio á mulher de Lourenço que encolhe os hombros:

— Para dizermos agora...

— Tem novidade, tem; accode Lourenço. Eu sempre lhe acho novidade. E ainda lhe achava mais se lambiscasse o que ahí está, — que tudo isto para mim é novo em folha!

Para uma carruagem.

Apeia se um cavalheiro.

Entra na loja.

Lourenço e Plagio contemplan o.

O cavalheiro compra uma caixa lindissima, paga por ella sete libras e manda-a para a rua tal, numero tantos, tal andar, (tudo a meia voz). Depois, indo a sahir:

— Ai! Já me esquecia! Quero tambem ahí umas amendoasitas para casa. Mas coisa barata.

— Temos muito bonito, responde o confeiteiro; muito bonito

Eu vou terminar, sr. director, porque o seu jornal, além de dispôr de pouco espaço, não foi creado para advogar os interesses da minha terra. E, deixe-me dizer-lhe, só pela consideração de que v. vae demonstrando que o fundou para ser util, estando sempre disposto a prestar o seu auxilio a todos que o que-rem aproveitar, eu me atrevo a pedir-lhe que dê publicidade ás palavras que ahí ficam.

Para evitar um *post-scriptum* deixeme dizer já mais isto: temos na Camara de Albergaria um vereador nosso. E' o meu amigo Joaquim Rodrigues de Mello. E' homem para fazer alguma coisa. Abençoadá a hora em que esta terra o elegeu, se alguma coisa fizer.

Com muitos agradecimentos,  
De V. etc.

Um leitor constante.

## NOTICIARIO

**Fallecimentos.** — Mais uma victima da terrivel tuberculose que tantos estragos tem feito ultimamente nesta freguezia. Chamava-se Encilia Baptista das Neves que falleceu no dia 15, pelas 7 horas da tarde, contando apenas 32 annos. Era casada com o sr. Francisco Simões d'Oliveira, ausente no Rio Grande do Sul (Brazil), filha do sr. Alberto dos Santos Vagueiro e irmã das srs.<sup>as</sup> Lia Marques e Maria dos Anjos e dos srs. Manuel e Fernando dos Santos Vagueiro, residentes em Lisboa.

A todos os doridos enviamos o nosso cartão de sentidos pesames.

— Enviamos tambem sinceras condolencias ao nosso amigo sr. Lucio da Costa Santos a quem acaba de fallecer um filhinho de trez annos.

— Morreu repentinamente em Lisboa o sr. dr. Manuel Rodrigues de Carvalho, cujo feretro chegou no dia 19 a Requeiro, terra da sua naturalidade.

O sr. dr. Rodrigues de Carvalho, depois de ter concluido o curso da Escola Medica do Porto, seguiu a carreira de medico da armada, estando reformado ha já bastantes annos.

Foi vereador da camara municipal d'Aveiro e era presidente do «Syndicato agricola».

Associamo-nos sentidamente á dôr de toda a sua familia.

— Acaba de morrer queimada uma filhinha do nosso presado collega dos «Successos», sr. Marques Villar.

Comprehendendo quanto este nosso amigo deve ter soffrido, associamo-nos de todo o coração á sua justissima dôr.

**Festividade.** — Como disse-mos no ultimo numero, reali-se hoje nesta freguezia a festividade do martyr S. Sebastião, da qual é juiz o sr. Francisco Marques Barbosa, que têm a ajuda-lo quarenta e dois mordomos.

A missa será cantada pelo dignissimo parcho d'esta freguezia, sr. Padre Manuel da Cruz, e o sermão prégado pelo sr. Padre José Simões Maio que aqui esteve

e modico: entre libra e doze mil réis.

— Isso é caro. Não quero para mais de quatinho, quinze tostões. E' para minha mulher!

Lourenço e Plagio (olhando-se, pasmados):

— Ah!

— Vamos para diante! accode Plagio com resolução. Se o mundo é assim, peor para elle!

As mulheres sorriem-se.

— Vocemecês, coitadas, diz-lhe Lourenço, têm só amendoas sem caixa, mas a caixa não se come, e melhor é assim mesmo não passarem pelo desgosto de receber caixa inferior a outra, com que eu ou aqui o Plagio brindassemos qualquer individua.

As mulheres, esbogalhando os olhos:

— Ai! Isso sim! Havia de ter que vêr! Callem já essas bôccas!

— Pôde porém ampliar-se a prenda, e em vez de meio kilo das sortidas, irmos fazer uma visita, em mais larga escala, a alguma casa de venda, limpa e de estima-

como encomendado durante alguns mezes, tornando se credor de geraes sympathias.

Faz a festa a musica «velha» de S. João de Loure que, alem de assistir á missa e de tocar na procissão, abrilhantar o arraial que deve prolongar-se até depois da meia-noite.

**Pela Imprensa.**—Ao nosso collega «Gazeta d'Arouca» agradecemos as palavras amaveis com que acolheu o nosso jornal e que abaixo inserimos:

Correio do Vouga

Recebemos a visita d'este novo semanario, órgão dos interesses da villa d'Eixo, que se apresenta muito bem redigido e impresso.

Saudando o illustre collega e desejando-lhe longa vida e prosperidades, agradecemos a sua amabilidade que retribuímos com o nosso modesto semanario.

—Recebemos o n.º 3 (II serie) do jornal «A Vida» cuja publicação esteve interrompida durante algum tempo.

E' um jornal doutrinario, defendendo altos ideaes. Emquanto mantiver a orientação que revela no numero que acabamos de ler, a sua acção será educativa e, portanto, util.

Retribuindo a sua amabilidade, que muito agradecemos, enviamos-lhe o nosso semanario.

**Subscrição** aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officias d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

Lista dos subscriptores:

Alfredo C. de Magalhães . . . . .	10\$000
Angelo Vidal . . . . .	5\$000
D. Maria L. dos Reis e Lima . . . . .	1\$000
D. Elisa dos Reis e Lima . . . . .	200
D. Amelia dos Reis e Lima . . . . .	200
D. Beatriz dos Reis e Lima . . . . .	200
José Ferreira de Magalhães . . . . .	2\$000
Um anonymo . . . . .	2\$000
Fernando dos Santos Vagueiro . . . . .	500
Desembargador Manuel A. dos Reis e Lima . . . . .	12\$000
Dr. Eduardo de Moura . . . . .	5\$000
Severino José de Sousa . . . . .	2\$000
Antonio dos Santos Bernardes . . . . .	1\$500
Um anonymo . . . . .	200
<b>Somma . . . . .</b>	<b>41\$800</b>

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Avelino Dias de Fi-

ção, onde se beba um gollinho e se avance com algum gigote, temperado com preceito. Nesta semana no menos é preciso cuidado com a guila...

— O martyrio dos nossos dias não está sendo grande. Lembra-te que os primeiros christãos punham se quarenta dias a pão e agua; nós em qualidade de christãos modernos, que sempre devemos ser mais entendidos, arranjamos uma privação mais commoda, e levamos a Quaresma a arroz de marisco e savel frito quentinho.

— Eu cá pela parte que me toca a esse respeito, redargue Lourenço, salvo-me com alguma pescadinha, que é menos reimoso; e, sem fazer peor á alma, não estraga o estomago.

— Se tivéssemos tido o trans-torno de ter nascido n'outras eras, sujeitar-nos-hiamos a abstinencias, que estão hoje em desuso. Não se media d'antes o jejum só pela privação de comer carne; consistia em refrear as paixões, repudiar os vícios, evitar as desordens, iras,

guciredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisboa, Rua Augusta, n.º 100-1.º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

Em noites de luar

O branco, lindo crescente,  
Enche o espaço de luz,  
Nesse vestido fulgente  
A noite reina imponente  
Num socego que seduz.

Mas, ai! não sei que tristeza  
M'inspira o meigo luar,  
Que d'essa luz, com franqueza,  
A sua candida belleza  
Sempre me faz suspirar.

O pallido fulgor ethérico  
E' como um sol a dormir;  
No grande livro siderio  
O luar é um mysterio  
A desmaiar, a sorrir...

Por isso, ao brilho da lua,  
Eu me sinto esmorecer,  
Meu pensamento flurtua  
Suspira pela Imagem Tua,  
—O sol que me faz viver.—

Arnaldo Sequeira

NOTICIAS PESSOAES

ANNIVERSARIOS

Pelo seu anniversario natalicio, que passou no dia 20, felicitamos o nosso amigo Alberto Ruella, distincto alumno da Universidade.

—Pelo mesmo motivo cumprimentamos o sr. dr. Antonio Emilio d'Almeida Azevedo, meritissimo juiz de direito em Anadia.

ESTADAS

Esteve no Porto, na ultima segunda-feira, o nosso presado collega do «Campeão das Provincias», sr. Firmino de Vilhena.

—Estiveram, ultimamente, em Aveiro, os nossos amigos srs. Padre Joaquim da Silva Netto, Antonio Simões da Silva, Avelino Dias de Figueiredo, Manuel Rodrigues Pardinha, José Ferreira Liborio e sua esposa e Athanasio de Carvalho com suas gentis filhas.

—Estiveram no Porto, onde foram fazer concurso para conservadores, os nossos queridos amigos e colaboradores, srs. drs. Mario de Vasconcellos e Alvaro Pato.

—Pelo mesmo motivo tambem esteve naquella cidade o nosso presadissimo amigo, sr. dr. Lino Augusto Cardoso d'Oliveira.

—De visita ao nosso amigo, sr. José Fernandes Mascarenhas Junior, esteve aqui, a semana passada, o sr. José d'Oliveira Lopes, digno empregado na estação telegrapho postal, d'Aveiro.

PARTIDAS E CHEGADAS

Partiu para o Brazil o nosso conterraneo, sr. José Luiz Flamengo Junior, mais conhecido pela alcunha «Mato-elle».

Desejamos que tenha uma vizgenha feliz e que a boa fortuna o acompanhe sempre.

demandas! Ainda ha oito dias vi uma peça no theatro de D. Maria, em que se figurava a jogatina; estava aquillo bem arranjado, e as pessoas que lá estavam a vêr, gostavam; algumas, segundo me disseram, eram jogadores: applaudiram, bastante sensibilizados; ha bocado, quando vinhamos para cima, vi entrar dois para uma *espe-lunca*. Hoje mesmo ha jogo. O jejum está facil. Satisfaz se tudo, contentando-se uma pessoa com um jejuinho frito em azeite dos snrs. Herculano ou Vaz Preto.

— São dois historiadores?  
— Sim, são. Quem faz azeite é sempre historiador.

— Eu te direi, Plagio; ha um ponto serio na historia da actualidade.

— Qual é?  
— E' o peixe guisado! Ando muito desconfiado d'elle.

— A que chamas tu guisado?

— Ao de molho, sem vir do forno.

— Pois! Para mim, tudo que não é cosido, nem frito, nem assado, é guisado.

DURANTE A SEMANA

PELA AFRICA

Mais um massacre em Africa em que foram trucidados o alferes João de Macedo, commandante do posto militar do Quito (Lunda), e oito praças indigenas.

Tinhm saído estas do forte, sob o commando d'aquelle official, para cortar lenha, quando lhes appareceu o gentio que, depois de os ter trucidado, assaltou o forte que oppoz resistencia durante quatro horas, ficando mortos alguns dos assaltantes e tendo outros de fugir.

ALEXANDRE HERCULANO

A Camara Municipal de Lisboa tomou a iniciativa d'um monumento a Alexandre Herculano. Já está organizada a commissão executiva que é assim constituída: presidente—Anselmo Braamcamp, vice-presidente—Anselmo de Andrade, thesoureiro—Augusto Machado, e vogaes—Alfredo da Cunha, Agostinho Fortes e Abel Boltho.

MUNICIPIO DE LISBOA

Por accordão do Supremo Tribunal Administrativo foram reintegrados nos seus logares de ve-readores da camara municipal de Lisboa os srs. Francisco Grandella, Ventura Terra e Carlos Victor Ferreira Alves que haviam sido excluidos por sentença da auditoria administrativa.

Tratou da questão o notavel jurisconsulto, sr. dr. Barbosa de Magalhães, que decerto concorreu bastante para o *veredictum* do Supremo Tribunal.

CONCURSOS

Os nossos sinceros parabens, pelos brilhantes concursos que acabam de fazer para conservadores, aos nossos queridos amigos e colaboradores, srs. drs. Mario de Vasconcellos e Alvaro Pato.

Pelo mesmo motivo, um abraço aos nossos amigos drs. Lino Cardoso d'Oliveira, Bragança Pereira, Armando Saraiva, Armando de Carvalho, Sebastião de Vasconcellos, Taveira de Carvalho, Abranches Barbosa e Adeino Couto.

Que nos agradeça a bõa intenção algum que por ventura não... abracemos, porque só nos obriga a isso a falta de memoria.

PROPOSTAS DE LEI

Consta que o sr. Antonio Cabral tem já concluidas as seguintes propostas de lei, que tenciona apresentar ao parlamento no principio da proxima sessão legislativa: escolas de marinha mercante; albergues maritimos, caixa de pensões a marinheiros invalidos, e fundos de socorros a maritimos.

— Por exemplo, eu? retroca Plagio por chiste.

— Sim, tu não és cosido nem... Mas estás alguma cousa assado, e por isso não entras propriamente na cathogoria sujeita. E depois, não és peixe, nem peixeão...

— Sou peixote?!

Riem.

— Não. Foi graça. O que me propunha dizer-te é que estão preparando agora nas casas finas as eiroses com presunto e os chocos com manteiga de porco. Que me dizes a esta?

— São agentes do demo. Isso é a companhia olho vivo de Satanaz. E' seu interesse armar petisqueiras, que levem a gente para as profundas do inferno.

— Tu sabes muito, assim mesmo, o Plagio! E mais saberias se á tua natural esperteza juntasses grandes estudos!

— Tambem o Bismark os não teve. Gosto d'elle só pela ufania que dá, o vêr aquella prova real de que um homem pôde subir de uma condição inferior ás funcções

DOS Nossos CORRESPONDENTES

Lisboa, 20

No dia 16, pelas duas horas da tarde, na administração do terceiro bairro de Lisboa, consorciouse civilmente o sr. Luiz Antonio dos Santos, natural de Sernancelhe (Beira Alta), e revisor dos caminhos de ferro da companhia real, com a sr.<sup>a</sup> D. Maria Angelina Tavares dos Santos, uma sympathica menina de Alquebim, mas aqui residente.

Foram padrinhos, por parte do noivo, o sr. Dr. José Maria de Moura Barata, e por parte da noiva a sr.<sup>a</sup> D. Amelia Soares Figueiredo:

Além d'outras pessoas, cujos nomes não nos recordam, assistiram ao acto a sr.<sup>a</sup> D. Sophia da Silva e os srs. drs. Avelino Lopes Cardoso, medico, e Macedo Bragança, presidente da Associação do registo civil, e Luiz Frazão, industrial, Firmino Soares de Figueiredo, empregado no ministerio das Obras Publicas e as suas ex.<sup>mas</sup> filhas, Abilio J. P. Lisboa e José Monteiro dos Prazeres Alves.

Depois da cerimonia, os noivos e convidados seguiram para a sua casa na Travessa do Convento de Jesus, n.º 11-1.º, onde foi servido um delicado copo d'agua.

A's 6 horas da tarde começou o jantar que se prolongou até depois das 10, sempre no meio de grande alegria.

Desejamos aos noivos uma prolongada lua de mel e todas as venturas de que são dignos.

—Encontra-se nesta cidade, de visita aos seus filhos, a sr.<sup>a</sup> D. Luiza da Silva Carreira, natural de Adães.

Esta senhora foi esperada em Sacavem pelos seus filhos Domingos d'Oliveira e Margarida da Silva e Manuel Silva, marido d'esta, Emilia da Silva, Antonio F. Pinto e outras pessoas de cujos nomes não nos foi possivel tomar nota.

—Foi preso, ha dias, numa desordem que se travou no Poço do Bispo, Luiz Fernandes, por ter atirado um peso de cinco kilos á cara de Joaquim Vieira que ficou com oito dentes partidos, tendo de ir curar-se ao hospital onde está em tratamento.

Foi uma dura lição para o Joaquim Vieira que não mais se metterá em desordens, emquanto se lembrar d'esta.

—O tempo continúa invernos. Devido ao mar estar bravo ha grande falta de peixe.

Oliveirinha, 21

Falleceu hoje, de madrugada, o sr. Manuel Marques Mostardinha, de Mamodéiro, freguezia de Requeixo, filho do sr. Antonio Marques Mostardinha e sobrinho do

mais elevadas e fundar a grandeza patria! Andar nos seus estudos é bonito, mas saber é que é bom. Vês tu aquelles que estão além, á esquina, de perna traçada? Os paes regalaram-se de gastar dinheiro com alguns d'elles. Fizeram-os tudo: foi boas escolas: foi Coimbra: foi o melhor que ha. Com dinheiro fizeram-os estudantes: com empenhos fizeram-os talvez doutores. Só não poderam fazel-os homens. O homem é o trabalho. Hoje mesmo, e mais andaram em escolas finas e estamos em quinta feira santa, vê-los ali a fazer gala de estar de quinze de riscado para não se parecerem connosco, que andamos de preto nesse dia!

— Estão a rir-se de andarmos com a familia; não sei se observas?

— Deixa-os rir. Nós sômos dois pobres homens, mas vivemos satisfeitos, apesar da nossa condição e dos nossos poucos ganhos. E elles, que têm muito, talvez se enfastiem! Deixa-os rir. Não ha senão tres meios de um homem se vingar da censura do mundo: des-

nosso amigo, sr. Elias Marques Mostardinha, dignissimo juiz de paz d'este julgado.

O fallecido estava na flôr da mocidade, pois contava apenas 16 annos. Apesar da sua pouca idade, era já credor das sympathias de todos os seus conterraneos que o estimavam pelas bellas qualidades que o tornavam um digno representante da sua honrada familia.

Era filho unico e, por isso, nós comprehendemos quanto vae soffrer no resto da vida o seu pae a cuja dôr nos associamos sentidamente, enviando ao mesmo tempo a toda a familia, e em especial ao seu extremoso tio e nosso bom amigo, sr. Elias Marques Mostardinha, a expressão da nossa sincera condolencia.

Consta-nos que o funeral se realisa amanhã, sahindo o prestito funebre da sua casa de Mamodéiro para esta freguezia onde o cadaver ficará depositado no jazigo dos seus avô e tio, srs. João e Elias Marques Mostardinha.

As gentis filhas d'este nosso amigo, querendo manifestar a sua saudade pelo extincto, offerecerem-lhe uma corôa de flôres artificiaes, que hoje vimos, e que tem a seguinte dedicatória—«Ao Manuel—Saudade das suas primas Maria Augusta e Conceição».

—Tem passado bastante doente o nosso amigo, sr. Elias Marques Mostardinha. Felizmente, vae sentindo algumas melhoras. Sinceramente desejamos que se resta-beleça depressa.

—Realizou-se, no dia 18, em Requeixo, o funeral do sr. dr. Manuel Rodrigues Pereira de Carvalgo que falleceu repentinamente na capital.

O extincto, que foi um homem de bem e honrou o seu paiz, era parente muito proximo do nosso amigo sr. Elias Marques Mostardinha a quem apresentamos, bem como a toda a familia enluctada, os nossos sentidos pezames.

—Realizou-se, hoje, o mercado mensal d'esta freguezia. Como de costume, esteve muito concorrido, effectuando-se importantes transacções.

—Cumprimentamos, pelo seu anniversario natalicio, o nosso amigo, sr. Antonio Marques Rebello, a quem desejamos muitos annos de vida e de felicidades.—M.

Azurva, 21

No dia 19, appareceu em casa do nosso amigo, sr. José Gonçalves Diniz, a pedir pousada, um individuo que este nosso amigo recebeu como um dos muitos desgraçados que passam a vida de terra em terra, á espera que lhes matem a fome com um bocado de pão.

Não suppoz o sr. Gonçalves Diniz que meteria em casa um gatuão—nem tão pouco a sua bon-

presal-a; fazer o mesmo aos outros; ou evita-la: o primeiro é só da bocca para fóra; o utimo é impossivel; o mais usado e o segundo. Por isso eu tambem os crufco a elles! Talvez, amigo Lourenço, apesar do que elles gastaram aos paes em livros, ignorem muita coisa que respeita ao homem e a vida, mómente o que é bom e o que se achega ao divino. Talvez até, janotas como os vêmos, a rir-se de quem vae com a familia, talvez não saibam que um homem deve ter cá dentro o quer que seja a que chamam coração... Nessa coisita é que assenta a egreja. Ahí mesmo é que está Deus. Deus fez o homem inexterminal, e o christão é inexterminal duas vezes!

— Ahí está uma cousa que nós sabemos, e que alguns d'elles não sabem! (Para as mulheres) Vamos lá, senhoras; entremos aqui nesta egreja. Dá cá o pequeno que eu o levo ao collo: não m'o pisem.

Entram.

Julio Cesar Machado.

dade lhe permittiu que o mandasse dormir para a rua, quando elle deu signaes de que estava embriagado.

Num excesso de commiserção, destinou-lhe para quarto um palheiro onde, na companhia de dois trabalhadores da linha ferrea do Valle do Vouga, passaria umas horas de somno reparador.

Mas o homem estava insupportavel. Toda a sua mania era dormir no pateo, ao ar livre. Para o levar para o palheiro foram ameixas de conserva. Foi preciso carregar com elle como um gallego de esquina carregaria com a mobilia de uma casa em muda: a pau e corda.

Adormeceu, afianl. E, de manhã, quando os homens da linha ferrea, deixaram a cama para irem agarrar-se ao trabalho, ainda o bebado da vespera reparava as forças perdidas, num somno pesado e ruído.

Sairam cautelosamente, para não o accordar, e talvez no ultimo olhar, que lhe lançaram, fosse alguma piedade pela sua miseria.

E, afinal, deixaram junto dos seus poucos haveres—alguma roupa—um gatuno a quem não chegava, para satisfazer os vicios, o que lhe davam.

Quando voltavam a casa, á hora do meio dia, encontraram-se roubados. Immediatamente se convenceram de que tinha sido o pedinte da vespera—e, sem mais reflexões, deitaram os pés ao caminho, em sua procura.

Foram dar com elle junto de S. João de Loure—e logo, pelas calças que lhe viram vestidas; tiveram a consolação de que não se haviam caçado baldadamente.

O gatuno tinha deitado ao rio as calças, que trazia, para vestir umas das que furto.

Isto só lhe valeu ter de ficar, alli mesmo, em fralda de camisa, porque «quem o alheio veste, na praça o despe». Assim o entenderam os roubados.

Estes voltaram para casa, a pensar no velho dictado «antes de fazer o bem, olha a quem», e o gatuno que, segundo nos consta, é da Granja (Oliveirinha), seguiu para Pinheiro, sob prisão.

Vamos a ver como lhe recompenam as suas proezas.

—Acha-se bastante doente o nosso amigo sr. Julio dos Santos. Deve soffrer, ainda hoje ou amanhã, uma operação que será feita pelo distincto clinico, sr. dr. Eduar de Moura.—C.

**EXPEDIENTE**

**Pedimos aos nossos obsequiosos assignantes o favor de nos prevenir, sempre que mudem de residência, ou quando não recebam o jornal.**

**Contas da Receita e Despeza da commissão de Beneficencia e Ensino da freguezia de Vallongo do Vouga nos annos lectivos de 1906 a 1907 e 1907 a 1908.**

**RECEITA ANGARIADA POR SUBSCRIPÇÃO E UMA OFFERTA GENEROSA**

NOMES DOS SUBSCRIPTORES	RESIDENCIA	Importancia
Transporte . . . . .		92\$180
Alberto Henriques . . . . .	Agueira	500
José da Costa Tavares e Silva . . . . .	»	500
D. Rosalina Augusta de Souza . . . . .	»	500
Joaquim Gomes dos Santos . . . . .	»	3500
José Ferreira Pousadas . . . . .	»	500
José Gomes da Fonseca . . . . .	Carvalhosa	300
Custodio Martins Pereira . . . . .	Povoa	5500
José Corrêa de Bastos . . . . .	Brunhido	2500
Antonio da Silva Magalhães . . . . .	»	1500
José Dias Ferreira . . . . .	»	1500
João d'Almeida . . . . .	»	1500
Padre Celestino d'Almeida Branco . . . . .	Veiga	1350
Joaquim Ferreira Pousadas . . . . .	»	1500
Frior João Antonio Nunes Callado . . . . .	Vallongo	15 00
Antonio Gomes Corrêa Sereno . . . . .	Lanheses	2550
José Francisco Martins . . . . .	Aldeia	5500
Somma . . . . .		58\$180
Lucro liquido obtido na venda de milho exotico para abastecimento d'esta freguezia, offerecido generosamente pelos commissionados d'esta venda . . . . .		27\$915
Total . . . . .		86\$395

**ANNUNCIOS**

**A. B. C.**  
ILLUSTRADO  
POR  
**ANGELO VIDAL**

A' venda em todas as livrarias.  
2.<sup>a</sup> edição.—Broch. 60 reis, cart. 100 reis.

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:—Colleção de 12 quadros em papel, 306 reis. Colleção de 12 quadros collados em cartão, 2\$300 reis.

**A FAMILIA MALDONADO**  
POR  
VIEIRA DA COSTA

**OS TRISTES**  
POR  
FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

**Manuscripto das Escolas Primarias**

POR  
**Angelo Vidal**

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva  
44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se pôde dizer, como alguém disse do malgrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle. (Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

**COLLEGIO MONDEGO**

Paço da Inquisição—Coimbra

Director—Diamantino Diniz Ferreira

**INSTRUCCÃO PRIMARIA**

Instrução secundaria.—Curso geral e complementar.

Curso Commercial.—Portuguez, Conversação franceza, ingleza e allemã, contabilidade, calligraphia e escripturação commercial.

Musica, esgrima e gymnastica succa.

O ensino primario é ministrado em portuguez, francez e inglez, tendo as linguas estrangeiras uma orientação essencialmente pratica.

Annexas á aula de instrução primaria, ha officinas de modelação, esculptura, typographia, marcenaria, encadernação e pintura; podendo optar cada alumno pela aprendizagem de qualquer d'estas profissões.

O exame do 3.<sup>o</sup> anno do Curso Commercial é feito por uma commissão de technicos, sendo passados aos alumnos diplomas de competencia.

Sempre que as aptidões e vontade do alumno o permittam, o Collegio esforçar-se-ha por tirar num só anno a 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classes dos Lyceus, bem como a 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup>, e a 6.<sup>a</sup> 7.<sup>a</sup> (de Letrass).

**ALUMNOS INTERNOS E EXTERNOS**

**PROFESSORES**

- General Aniceto de Paiva.
- Charles Leporre, Director do gabinete de microbiologia da Universidade
- Capitão Antonio Baptista Lobo
- Lucio Agnello Casimiro, professor do Lyceu de Horta
- John Sidney
- D. Olivia Duque, directora do Jardim d'Infancia
- Francisco da Costa Ramos, professor diplomado
- José d'Almeida, guarda-livros
- Pinheiro da Costa, antigo leccionista
- Antonio Donato, guarda-mór da Universidade
- Diamantino Diniz Ferreira, professor da Escola Nacional d'Agricultura.

**PADARIA FLOR DO PARAISO**

270, RUA DO PARAISO, 272

**PORTO**

Ninguem fabrica melhor do que nós, e poucos fabricam tão bem como nós.

**E tão barato como nós ninguem vende**

O rico e o pobre deve aproveitar uma economia de mais de 20 % no genero de primeira necessidade

Eis os preços d'esta casa desde o 1.<sup>o</sup> de janeiro em diante:

**PÃO FINO:**

**Kilo em 8 pães, 100 réis!**

duzia de pão fino que em outra qualquer casa custa 150, 160, 100 e 120, custa em nossa casa apenas 120 e 90 réis respectivamente

A's boas donas de casa, aos proprietarios e directores de collegios, hotéis e restaurantes, recommendamos os productos da Padaria "FLOR DO PARAISO,"

**VENDAS A DINHEIRO**

**VIVEIRO DE VIDEIRAS AMERICANAS**

ENXERTOS e BARBADOS

Enviam-se preços correntes.

**JOÃO SALGADO**  
Estarrêja--FERMELÃ



**PORTO**  
**TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.**

51, Rua de Sá Noronha, 59

Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos

MAPPAS, OBRAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação Carimbos de borracha



**CORREIO DO VOUGA**

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:  
R. de S. Miguel, 36--PORTO

**ASSIGNATURAS**  
(Pagamento adiantado)

Portugal—anno . . . . .	1\$200
— semestre . . . . .	600
Africa —anno . . . . .	1\$500
Brazil —anno—(moeda forte).	2\$200

**PUBLICAÇÕES**

Annuncios, por cada linha . . . . .	10 reis
Communicados, cada linha . . . . .	20 »
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.	
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.	

**CORREIO DO VOUGA**

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Co. mo. Srs.